

## SE CARTOGRAFAR É NAVEGAR: VELEJANDO NO CONTEXTO DO TEATRO DO OPRIMIDO NA EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE PARA LINGUAGEM CORPORAL - EM UM DEVIR HUMANO

Paula Lopes Aquino da Silva<sup>1</sup>  
Fernando Luiz Zanetti<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade discorrer sobre o projeto de pesquisa em desenvolvimento no programa de pós-graduação Stricto Sensu em Formação Humana da Universidade do Estado de Minas Gerais-FAE/UEMG, no qual, investiga-se o Teatro do Oprimido (T.O) na Educação, e sua contribuição para a linguagem corporal, desta forma, busca-se verificar a relação do corpo no T.O no percurso educacional. Emprega-se como metodologia o método cartográfico, sendo realizado em três procedimentos sendo elas: Uma análise crítica dos artigos científicos, os diários de campo de três professoras recém formadas e o caderno de bordo que está em construção pela pesquisadora. Neste sentido, como desenvolvimento, está a construção do “Arquivo” que está em cartografar 80 artigos de 6 revistas qualis A tanto de Arte educação quanto Educação e Arte entre 2004 a 2022, neste sentido, utilizamos critérios de análises tais como: Título, autor, ano, revista, assunto, função de arte no ensino, característica do ensino de arte, problematização ou plano geral do texto, diálogo com Augusto Boal/T.O, algumas considerações/deslocamentos. Propomos estudar os cadernos de campo escritos na graduação de três professoras, referente ao estágio obrigatório do curso de Pedagogia-UEMG/ Ibirité. A análise dos cadernos de campo consiste em verificar os discursos de verdade, as relações de poder e as descrição das aulas de artes das professoras em formação. Como resultados parciais desse velejar, foi possível observar que se encontrou poucos artigos em revistas de educação e arte sobre o teatro, tendo poucos relatos sobre o ensino de teatro nos cadernos de campo, embora tenham relatos de outras linguagens artísticas.

**Palavra chaves:** Teatro do Oprimido; Educação; Formação Humana.

<sup>1</sup> Mestranda do PPGE/ Fae-UEMG /e-mail: p.lopes.uemgpedagogia@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do PPGE/Fae- UEMG/ e-mail: fernando.zanetti@uemg.br

## Introdução

O artigo tem como objetivo discorrer sobre a pesquisa em andamento no programa de pós-graduação Stricto-Sensu da Universidade do Estado de Minas Gerais- Fae/ UEMG, no qual busca-se articular a metodologia do Teatro do Oprimido relacionado ao contexto escolar com o pensamento de Foucault (1984).

Tendo como pergunta de pesquisa que norteia a escrita está em como desconstruir o corpo mecanizado no cotidiano escolar e construir o corpo como linguagem. Desta forma, pensamos o Teatro do Oprimido como meio para uma educação sensível.

Este estudo se justifica pelo interesse em analisar a relação dos corpos no ambiente escolar, no qual, em sua grande maioria, funciona na lógica do controle disciplinar e da vigilância. Por conseguinte, aproximar a metodologia do Teatro do Oprimido em relação aos corpos no contexto escolar, foi possível, mediante ao projeto de extensão na graduação (2018-2019) na UEMG/Ibirité, em que, partindo das experiências dos minicursos oferecidos, passamos a compreender a possibilidade do T.O para a educação no que tange a linguagem corporal, com uma proposta pedagógica para a desmecanização dos corpos.

O trabalho adota como metodologia a cartografia, a pesquisa se desenvolve a partir de três frentes de trabalho: 1º A cartografia de 80 artigos científico de revistas tanto de Arte-Educação quanto de Educação-Arte, em que se busca averiguar o ensino de Teatro, entre 2004 a 2022, 2º está a análise dos cadernos de campo de três professoras recém formadas, que relataram suas experiências no estágio obrigatório, assim como a escrita do caderno de campo da pesquisadora sobre as experiências com as oficinas do Teatro do Oprimido (2018-2019), Como 3º frente do trabalho temos o estudo do referencial teórico.

Optamos por focar nos cadernos de campo, e a partir deles irmos caminhando para a questão dos discursos de verdade e dos corpos dóceis. Espera-se que com esse trabalho possamos contribuir para a discussão no que se refere ao campo da Arte-Educação.

## **Desenvolvimento:**

### *Arquivo - Vestígios de um tempo*

Arlette Farge (2009), explicita sobre o arquivo na primeira parte de seu trabalho em “milhares de vestígios”, dando pistas do trabalho meticuloso realizado sobre o arquivo. Para a mesma, o arquivo se relaciona com aquele que o estuda, aquele pelo qual todo o processo se desenrola “uma mão que coleciona e classifica [...] de certo modo está preparado para um uso eventual” (FARGE, 2009, p.8). Neste sentido, continua-se dizendo que o arquivo não se trata apenas de ser um texto, documento, relatos e diários, mas, “é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado” (FARGE, 2009, p.11).

Quando a autora faz comparação do arquivo ser sobretudo uma viagem, penso que por vezes muito se relaciona e portanto, se identifica com a pesquisa cartográfica. Pois, adotar esse método de pesquisa, consiste em entrar no campo subjetivo, no qual, o objeto de pesquisa, a metodologia se desenha, se forma no estar em processo. Em resumo não é uma metodologia cujo caminho é dado, mas, construído, “a atenção cartográfica que, através da criação de um território de observação, faz emergir um mundo que já existia como virtualidade e que, enfim, ganha existência ao se atualizar” (Kastrup, 2009, p. 27). É pensar o arquivo como uma viagem é sobretudo nas palavras da autora, é “em termos de mergulho, de imersão, e até de afogamento... o mar se faz presente” (FARGE, 2009, p.9). Cartografar um arquivo é como velejar em alto mar, exige uma imersão, um mergulho. O arquivo é uma fonte que guarda e transporta fragmentos de verdades de seu tempo, é uma descoberta

### *A primeira viagem, é se encontrar se perder e se perguntar o que fazer?*

“O “retorno dos arquivos” as vezes é “penoso”: Depois do prazer físico da descoberta do vestígio vem a dúvida mesclada da impotência de não saber o que fazer dele” (FARGE, 2009, p.15)

Após a leitura de duas dissertações tanto de Valério (2007), quanto de Cañete (2010), surgiu a possibilidade de trazer o estudo dos cadernos de campo para o projeto. Desta forma, foi feito o contato com a antiga turma da graduação que pertencia enquanto estudante, pois, durante

a graduação foi proposto durante as vivências de estágios supervisionados obrigatórios da licenciatura em Pedagogia que fosse feito o registro das práticas pedagógicas.

De doze pessoas que foram direcionadas à pergunta, se ainda tinham os cadernos de campo dos estágios obrigatórios, apenas três pessoas que os tinham sabiam localizá-los. Os cadernos selecionados são de 2018-2019, antes da pandemia da covid-19, e dos fechamentos das escolas presenciais que ocorreriam no ano posterior. As vozes das professoras que narram os cadernos de campo são a Sra. F, Sra. S, e, Sra. E, professoras recém formadas. Ao total são 10 cadernos de campos neles, são mencionadas as vivências na Educação Infantil, Fundamental I e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A hipótese inicial de analisar os cadernos de campo, era de verificar se havia relatos de aulas de teatro na educação básica. Mas, ao fazermos a leitura dos mesmos, elaboramos pontos centrais de análise, ou, núcleo de significação tais como: Modalidade educacional, ano, estagiária/Escola/ professora/ aluno, descrição de relação de poder, relações dos corpos, por onde anda a arte? relação professor/aluno/coordenação.

### *Os discursos de verdade*

Catarina Sofia Silva Martins (2011), quando fala sobre o estudo do arquivo, menciona ser para ela, não um esforço de medir através de parâmetros os discurso de verdade, mas, como se dá a constituição do mesmo. E como os discursos de verdade se interagem com o tempo presente que eles pertencem, ou seja sua relação com o seu contexto; completa dizendo que o arquivo se constitui das práticas discursivas, no caso dos cadernos de campo, poderíamos compreender sendo as práticas discursivas pedagógicas. Em “Arqueologia do saber”, a autora expressa que para Foucault, os ditos e os escritos, marcam as possibilidades discursivas de uma determinada realidade, mas, não se prende apenas a isso.

*O discurso pedagógico na aula de Arte na Educação de Jovens e Adultos (EJA)*

*Uma queixa dos alunos foi referente as aulas de artes, do início ao fim do estágio foi dada a mesma atividade “colorir os círculos de acordo com a cor e o número” os alunos detestavam e em um certo dia a aluna questionou a utilidade daquela atividade, a professora de arte por sua vez argumentou que trabalhava os números, a coordenação motora e as cores. Fico pensando, pode até ser, mas, será que ela só conhece essa atividade ?*

*Era +- assim: Número 17 azul, 18 verde e 19 amarelo. Pensa uma folha cheia assim.... Deixar bem registrado para que eu não faça igual.*

*(Relato à Sra. E, Contagem, 09 de maio de 2019).*

Silva & Junior (2014), ao falar do discurso de verdade em Foucault, expõe que as práticas discursivas são associadas por Foucault através da formação do enunciado e a prática, aplicabilidade do discurso no dia a dia do sujeito, “Decidi-me a descrever enunciados no campo do discurso e as relações de que são suscetíveis” (FOUCAULT, 2008, p. 40). Silva & Junior (2014), sobre os discursos continuam a dizer que se relacionam com o poder, uma vez que são produzidos a partir deles, os discursos são compreendidos como acontecimento, e por ser um acontecimento permeiam as relações sociais e causam efeitos.

Silva & Junior (2014), explicitam que, o processo do discurso, ou seja, sua produção está associada ao status daquele que fala, tendo relação com a posição social que atua o sujeito, “o discurso em Foucault é percebido como um conjunto de enunciados que integram as malhas do poder, perpassando em todas as relações entre sujeitos, o discurso aparece envolto de saber e poder” (SILVA; JUNIOR, 2014, p.5).

Pensando a respeito do discurso pedagógico em que é descrito pela Sra. E, no qual a professora de Arte exerce uma relação de poder/saber, no que diz respeito a sua prática pedagógica. Ao ser questionada por um dos estudantes sobre a proposta da atividade, traz na sua fala uma explicação de cunho pedagógico no que tange a aprendizagem, mas, que apesar de trazer um discurso de verdade do lugar de professora que ocupa, ainda assim, faz com que a Sra. E, questione sobre.

Castro (2004), ao falar da genealogia de poder de Foucault, coloca que as práticas discursivas não podem ser entendidas apenas como forma de confecção do discurso, ou seja, elas se formam através dos enunciados, e que estão relacionados aos dispositivos que por sua vez colocados como estratégia, “pode justificar ou ocultar uma prática” (CASTRO, 2004,p. 123), o autor continua dizendo que, as práticas discursivas ganham forças no emaranhado de técnicas, nas regulações de comportamentos, na transmissão do conhecimento, e “nas formas pedagógicas que, por sua vez, as impõem e as mantêm” (CASTRO, 2004, p. 118).

### *Obedecer, a arte de ser firme?*

Quando Foucault coloca que as relações de poder estão em todas as esferas sociais e principalmente na escola. Utilizaremos como ponto de partida um trecho do caderno de campo da Sra. E (2018), em que ela narra uma situação com uma criança de inclusão que quando fugia do seu controle a deixava sem meios de proceder com o acompanhamento pedagógico, por não haver obediência a professora regente pede mais firmeza, que faz com que a Sra. E, se questione, firme de que maneira? Existe um enfrentamento em relação às formas que ambas as professoras concebem o ato educativo.

Freire (1995), explicita que o ato de ensinar é uma característica que os humanos possuem, e ao falar da docência democrática, expõem que ela é fundamentada nos elos do educando com o educador no qual, se faz presente, a liberdade. Ou seja, um professor democrata, entende que há uma diferença entre a segurança docente de ser autoridade, do que ser um professor autoritário.

Um docente considerado autoridade é compreendido como aquele que tem convicção de quem é, que não precisa proferir discurso sobre, pois, apenas é. A autoridade seria construída através das interações entre os pares de forma justa, em que, estaria envolto, a generosidade, a humildade, a liberdade relacionada com a ética, o que proporcionaria, portanto, a construção da proposta pedagógica.

Ser firme posto por Freire, está na segurança como se atua, na forma que respeita a liberdade do sujeito, e de como reflete a forma que a si próprio coloca em relação a liberdade, e

de que maneira rever sua prática enquanto docente. Freire toca em um ponto importante, dizendo que a autoridade docente, instiga a liberdade dos educandos para o surgimento da disciplina verdadeira, ou seja, convicto de que no silêncio, tudo permanece estático, mas, na inquietação da dúvida, há um movimento esperançoso, que portanto, pode ser o caminho para a transformação.

Não significa, entretanto, dizer de uma liberdade sem limite, pois, ela sem o mesmo, não se assume, o que também não ocorre no oposto, desta forma, a ética é extremamente importante, quando pensamos a liberdade. Neste sentido, a liberdade inter cruzada com a ética, permite à autonomia, Freire, coloca que o processo de amadurecimento da autonomia do ser, pode ser traduzido em um devir ser, no qual a autonomia está relacionada com a tomada de decisão e o desenvolvimento da liberdade, ou seja, “entre a autoridade e liberdade [...] a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” (FREIRE, 1995, p. 105).

O oposto dessa proposta de pensar a prática docente democrática, está no que Foucault no final da entrevista de 1984, discorre sobre a ética do cuidado de si, aponta que o problema não está em um dado jogo de verdade pedagógica o professor com autoridade sobre o conhecimento pedagógico que o têm, ensinar, mas, a problemática estaria na dominação do professor em relação aos estudantes, colocando como uma autoridade arbitrária, destacando a questão da ética e a liberdade.

### *Corpo escolar*

Foucault em “vigiar e punir”, articula sobre os corpos dóceis, e essa relação dos corpos permite que haja a disciplinação, que visa a economia corpórea da linguagem, as disciplinas inauguram a arte do corpo, que busca um corpo útil e obediente. As disciplinas organizam o espaço, colocam cada sujeito em um lugar, criam fileiras. O autor coloca a relação do corpo-objeto, uma vez, que o corpo, se põem em relação a um objeto ou a objetos, por exemplo no contexto educacional, o corpo está em relação a cadeira que o comporta, ao lápis que segura e a folha que escreve, nesta relação do corpo com o objeto, foucault menciona que “estabelece cuidadosa engrenagem entre um e outro” (FOUCAULT, 1975, p.139).

Outro trecho que gostaríamos de mencionar encontrado no caderno de campo da Sra.F, fala sobre os corpos em sala que fazem somente movimentos necessários, e como esta organização reflete na ideia da professora ser boa, porém rígida, no qual, os momentos de socialização podem ser compreendidos como recompensa, tendo o objetivo de conclusão da tarefa.

Foucault, indica que as práticas disciplinares são produtoras de quatro individualidades que demonstram ter uma certa característica, ou seja, as disciplinas são “celulares” pois existe uma organização, uma separação dos espaços, ela também é orgânica, é parte da compreensão das atividades, ela é genética sendo associada ao acúmulo do tempo, e por último, é apresentada como combinatória tendo relação com a constituição de força.

As disciplinas são acompanhadas da vigilância, o autor, demarca a existência da vigilância nas relações pedagógicas. Foucault coloca que a disciplina tornou-se, um sistema que está interligado do lugar que se exerce o poder, a vigilância estaria repousada, no sentido, de se coloca em relação às pessoas, ou seja, seu funcionamento está associados há uma rede de relação, ora de cima a baixo, ora de baixo para cima.

Pensar o Teatro do Oprimido com uma proposta que possibilita a construção do corpo como expressão, estar em propor o teatro do Oprimido como um recurso pedagógico, que utilizando os jogos/exercícios, partindo dos gestos mecanizados para o corpo como expressão de si, que percebe e participa do mundo.

### *Breve análise da Pedagogia do Teatro na cartografia 2004-2022*

Para cartografar o ensino de Teatro, pensamos em critérios de análise, tais como: Assunto; Função da arte no ensino; Característica do Ensino de Arte; Problematização ou Plano geral do texto; Diálogo com Boal/T.O. Algumas considerações/deslocamentos, desta forma, conseguimos estreitar as relações do que se foi produzido referente ao campo do teatro desde de 2004 até os dias atuais, buscando um diálogo nos textos com o Teatro do Oprimido, criado pelo dramaturgo Augusto Boal, este estudo contribui para que possamos ver os deslocamento, ou seja a mudança que ocorreu no ensino de Teatro com o tempo.



Nem todos os artigos do projeto dedicam-se a ter uma relação com o Teatro do Oprimido, mas, apontamos que os artigos pensam o Teatro e ou a Pedagogia do Teatro. Na cartografia aparecem conceitos como "metaxis", ou "expect-atores," que fazem parte do universo do T.O, ou citam a metodologia Boaliana, pela questão dos jogos/ exercícios como possibilidades para a expressão.

As autoras Sitta et al, (2005), apresentam a metodologia do Teatro do Oprimido, para uma educação sensível, que está embasada na análise nas *essências emergentes*, nelas as autoras colocam que “A primeira essência fala sobre o sentido da educação considerando os cinco sentidos; a segunda, refere-se à estética como um modo de pensar, sentir e experimentar; a terceira focaliza o processo de humanizar e socializar a escola” (SITTA, et, al, 2005, p.3), que trouxe algo que ainda não foi apontado em nenhum outro texto, a essência do artigo está em entender a prática pedagógica não só como aquela que faz, mas aquela que vê sentido no que faz, seja significativa tanto para os educandos quanto para os educadores.

Existem textos que focam no professor, enquanto mediador nas aulas, aquele que assume a “postura” de professor-diretor, professor-personagem, professor-papel, professora-pesquisadora e ou, professor-artista. Apareceu na cartografia dos artigos, agentes escolares dizendo que o ensino do Teatro se volta para o desenho e a construção de fantoches, o que foi passível de problematizar a formação continuada e ou a atualização das propostas do ensino do Teatro na educação.

Importante destacar que se problematiza a respeito do ensino do Teatro nas escolas, além de destacarem a lei 9394/96, que integrou a arte no currículo das escolas, e a diferença da disciplina de artes com as demais, de início faz-se o questionamento, por exemplo, "o que é vital da arte?", trazendo à reflexão o porquê da arte no currículo, qual sua importância, desta maneira, demarca sua ausência nas escolas públicas, e apontam os mecanismos de poder e de vigilância no espaço escolar.

Bertoni (2011), em seu artigo, explicita as memórias dos professores em formação do curso de licenciatura em Teatro. Importa- nos destacar que, a autora aponta que nos memórias há relatos que falam do papel da escola no que se relacionam com o teatro.

Na construção do Memorial no curso de licenciatura de Teatro, os estudantes relacionam

suas vivências iniciais com o teatro seja, através do contato na escola seja fora dela, permitindo que os estudantes refletissem, a partir dos relatos das brincadeiras na infância, é possível observar que elas evoluíram e se tornaram complexas, no que se refere aos jogos, nas regras, e na formação de grupo, além de outros elementos do teatro, colocados como "apreciação estética", seja através das invenções, pela curiosidade causadas pelas encenações cantadas, pelas histórias, elementos que os atravessaram em seus itinerários infantis.

Pontuam, sobre a importância de terem contato com o teatro na escola. Característica marcante da proposta, foi levar a partir da construção do memorial, a possibilidade de ser uma porta para a consciência e portanto, o início da identidade da formação docente.

O artigo de modo geral é composto de narrativas sobre as experiências com o teatro, mas, há um momento que é problematizado que o teatro na escola está associado a práticas pedagógicas pensadas sobre a perspectivas do currículo escolar ou seja, prestava-se ao eventos escolares, problematizam a questão dos professores polivalentes, mediar as propostas "genéricas" em sala de aula, uns dos relatos apontam que, as aulas não desafiavam, continuam dizendo que a cultura do professor polivalente, deveria ter acabado com a LDB de 1996, o que não ocorreu, desta forma, "o teatro" é confundido com algo que engloba tudo o que possa ser apresentado, não importando a qualidade [...] como mero cartão de visitas, ou substituto de trabalhos" (BERTONI, 2011, p.14).

Além de haver problematizações em demais artigos sobre o teatro no currículo escolar, a falta de material, chão e sala sujos, uma não compreensão da gestão escolar sobre as aulas de teatro, cansaço dos professores que não refletem, e não buscam formas não tradicionais de avaliação do ensino aprendizagem. Britto coloca que:

O objetivo da arte do teatro é buscar a recriação da vida humana, num determinado espaço, limitado num tempo, vivendo os riscos de qualquer jogo e, portanto, o fogo de sua paixão que é a base de criação de uma arte viva. Jogar não é apenas um caminho do teatro, mas também a busca de sua própria essência, a expressão de um conflito que acontece no momento presente e se desenvolve a partir dos estímulos que atuam sobre ele (BRITTO, 2009, p. 4).

O teatro do Oprimido é composto de jogos/ exercícios teatrais, que são parte importante da estética, são a partir deles que as experiências teatrais acontecem, que se sente o corpo

dotado de linguagem. O Teatro do Oprimido é uma busca da capacidade inventiva originária da infância. O Teatro é uma capacidade humana que é praticada tendo ou não consciência que estamos a fazer teatro no cotidiano. Proporcionando criar e recriar versões e modos de pensar sobre a condição humana na escola.

## Considerações finais

Se faz necessário ampliar o olhar para o teatro para além de um prédio ou local específico, deste modo, muito já vem se caminhando quando pensado o teatro na educação, desde modo o T.O é uma ferramenta que consideramos acessível ao espaço escolar, pois a metodologia é de fácil aplicabilidade. Ao falar do teatro na educação como forma de verificar a possibilidade para a linguagem corporal voltamos o nosso olhar para o que está escrito no corpo, o que o educando expressa. Portanto, vai de encontro à positivar, termo emprestado de Machado (2010), da vivência teatral, possibilitando pela relação; compreender o que se é comunicado. É importante pensar em encontros teatrais que sejam singulares e significativos que promovam aprendizagem, pensar no educando performance é pensar em um sujeito autêntico que vivencia o mundo e o expressa de maneira única.

## REFERÊNCIAS

- BOAL, A. Jogos exercícios para atores e não atores . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2012.p.366.
- \_\_\_\_\_. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.p.230
- \_\_\_\_\_. O arco íris do desejo: o método Boal de teatro e terapia / Augusto Boal. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1996. 220p.
- \_\_\_\_\_. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BRITO, I. 5. O jogo teatral na pedagogia da criação cênica. O Percevejo Online, [S. l.], v. 1, n. 2, 2010. DOI: 10.9789/2176-7017.2009.v1i2.%p. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/opercevejoonline/article/view/527>. Acesso em: 30 set. 2022.

CASTRO, Edgardo. *El vocabulario de Michel Foucault*. Buenos Aires, Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2004. (Verbete: Dispositivo)

CAÑETE, L, S, C. O Diário De Bordo Como Instrumento De Reflexão Crítica Da Prática Do Professor/ Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2010.

FARGE, Arlette. *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp, 2009.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro. ed. 6. Paz e terra, 1995.

FOUCAULT, M. A Ética do Cuidado de Si como Prática da Liberdade. In: \_\_\_\_\_. *Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. (Ditos e Escritos, V).

\_\_\_\_\_. *O corpo utópico; As heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert, Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

\_\_\_\_\_. Sujeito e Poder. In: DREYFUS, H. L. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica (para além do Estruturalismo e da Hermenêutica)*. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lúcia M. Ponte Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1984.

MARTINS, Catarina Sofia Silva. **Notas Metodológicas: O “Arquivo”**- As narrativas do génio e da salvação: *a invenção do olhar e a fabricação da mão na educação e no ensino das artes visuais em Portugal (de finais de XVIII à segunda metade do século XX)*. Tese de doutoramento em Educação. Universidade de Lisboa. 2011.

MUCHAIL, Salma Tannus. O lugar das instituições na sociedade disciplinar. In: RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault: os textos do colóquio Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 196-208.



# Seminário

---

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente | III Simpósio Educação, Formação e Trabalho

SILVA, G, F, da; JUNIOR, S, da, S, M. O discurso em Michel Foucault. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 8 n. 16 – UFGD – Dourados, jul/dez - 2014.

VALÉRIO, M, M. Passagens circenses /Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, 2007.